

EDITORIAL

No último dia do ano de 1980, faleceu o canadense Marshall McLuhan, o autor da celebrada expressão “aldeia global” e chamado o pai da moderna teoria da comunicação. O impacto da sua teoria sempre consistiu nas conseqüências da famosa frase de que “o meio é a mensagem”. Antes de tudo, é preciso dizer que a interminável polêmica entre “conteúdistas” e “formalistas”, apesar de McLuhan, não vai ter nunca uma solução simples. É que os “conteúdistas” querem dar prioridade ao conteúdo da comunicação; àquilo que é dito ou escrito com intenções determinadamente conscientes, com propósitos definidos e claros, portanto, logicamente bem estruturados. Por outro lado, os “formalistas” querem deixar de lado a preocupação com o conteúdo da comunicação e se mostram embevecidos e embriagados com a “imagem”, com a forma do que é comunicado. McLuhan entra nessa disputa para tentar resolver o problema que, ainda hoje, permanece do mesmo jeito.

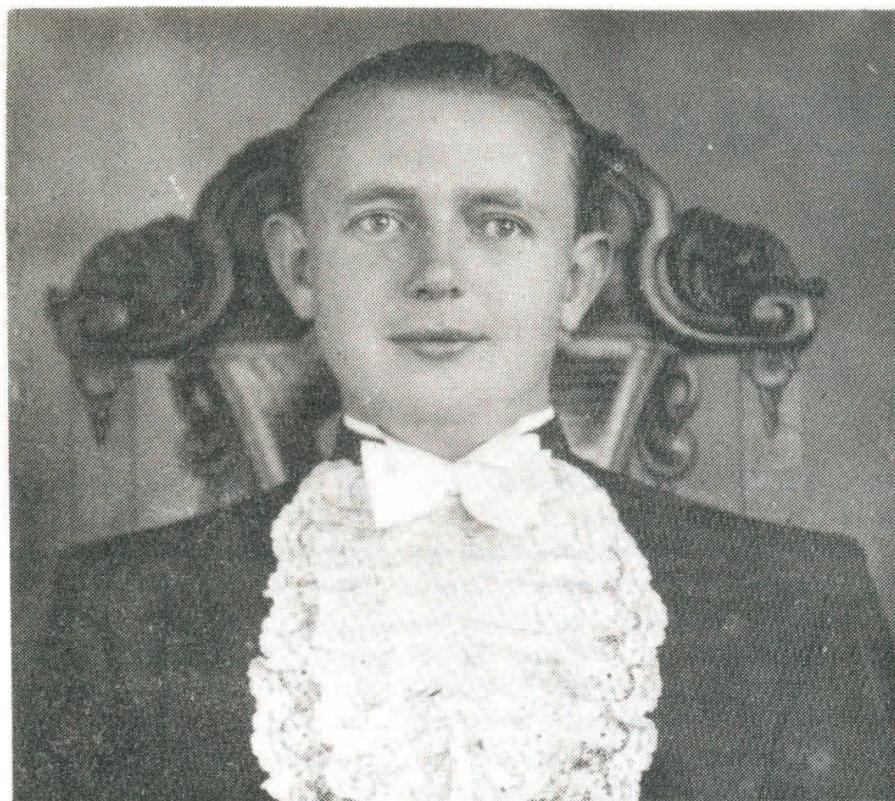
Por que a referência a McLuhan neste editorial? Porque as ciências sociais, históricas, filosóficas e políticas sempre rejeitaram as teses de McLuhan. E estas ciências não poderiam deixar por menos. Porque estas são ciências eminentemente críticas, voltadas para as realidades do homem e das sociedades, tendo em mira até as necessidades de impor mudanças, para que as sociedades encontrem modos e maneiras de pensar e de repensar sobre si mesmas e sobre os seus valores. Estas ciências, que são críticas por excelência, têm obrigação de conservar o “tonus” moral do homem, pois, o dia em que o homem abandonar a utopia e a ideologia, terá chegado, com isso, a sua morte moral. O fim da utopia é o próprio fim do homem.

A idéia da “aldeia global”, muito explorada

pela televisão, não pode ser levada a sério pelas ciências já mencionadas porque, com ela, a humanidade estaria sendo catalogada como uma imensa massa passiva e submissa. Os governos totalitários é que gostam muito dessa expressão e das técnicas implícitas na política da construção da aldeia global. Os totalitários tomam a idéia de McLuhan e vão dizer que o homem não é nada mais do que a extensão dos meios de comunicação, conclusão esta que não podemos, de forma nenhuma, aceitar. Quando falamos de totalitarismos, falamos de todos: os de esquerda, os de direita e os do centro. Tanto que até marxistas como Bakhtin e Voloshinov falam da linguagem como uma superestrutura, expressão que foram emprestar de Stalin. Por isso é que, do ponto de vista daquelas ciências atrás mencionadas, McLuhan tem sido bastante criticado. Não é sem razão que alguns críticos têm caracterizado, no seu todo, o sistema de McLuhan como um “gigantesco sistema de mentiras” conducente aos reacionarismos políticos.

Ora, esta nossa novel revista tem o sugestivo título de TERRA E CULTURA, e o Centro de Estudos Superiores de Londrina pretende manter, com ela, um padrão elevado de análise e crítica, de pesquisa e reformulação, combatendo todos e quaisquer tipos de reacionarismo e desenvolvendo projetos para que as sociedades, preservadas a sua identidade e idiosincrasias inalienáveis, não sejam inseridas, à fiveleta, na aldeia global, que é uma inútil ficção sociológica.

Antonio de Godoy Sobrinho



**Homenagem a um
pioneiro das ciências
em Londrina.**

O Cesulon, hoje, publica a sua revista de estudos e pesquisas. Mas não é a primeira experiência do gênero no Instituto Filadélfia de Londrina. Em 1950, o Prof. J.J. Puls iniciou a publicação do BOLETIM CIENTÍFICO que, abordando assuntos de Física, Química e História Natural, teve largo alcance.

O Prof. J.J. Puls nasceu em Oldenburg, Alemanha, em 21.10.1919, tendo vindo para o Brasil em 1923. Iniciou sua carreira em 1937 e se formou em Química Industrial, em Curitiba, em 05.12.1946. Chegou a Londrina em 20.09.48. Apresentou-se ao Filadélfia poucos minutos antes das 8:00 horas desse mesmo dia e, às 8:00, já iniciava a sua trajetória em nossa instituição. Ao se apresentar ao prof. Zaquero de Melo, este apenas lhe perguntou:

- Sabe dar aula?
- Sei — respondeu o Prof. J.J. Puls.
- Então, pode começar já!

Suas disciplinas iniciais foram Desenho, Inglês e Ciências e, tendo sido criado, no Filadélfia, o primeiro Curso Científico do interior do Estado do Paraná, dedicou-se ao ensino da Física e da Química. Os seus alunos de Física e de Química jamais poderão esquecer a sua pontualidade, a sua ordem, as suas exigências, o seu rigor e a seriedade que lhe granjearam a fama de professor e intelectual devotado às ciências.

No Filadélfia, fundou o BOLETIM CIENTÍFICO, o Departamento *Scientia et Labor*, o Núcleo Filatélico Estudantil Filadélfia e foi mentor, também, do FILADÉLFIA CIENTÍFICO. Manteve, na FOLHA DE LONDRINA — de 1956 a 1960, de 1969 a 1972 e de 1975 a 79 — uma seção de Filatelia, conhecida como a melhor de todos os jornais publicados no Brasil. Foram em número de 432 as publicações que o Prof. Puls fez sobre Filatelia. No mesmo jornal, o Prof. Puls criou uma seção com o título "No Mundo da Ciência", que totalizou 1836 publicações. Integrou o grupo que fundou a revista PANORAMA, que também discutia assuntos científicos. Como filatelista recebeu prêmios e medalhas de muitas exposições nacionais

e internacionais e, há pouco, participou de uma exposição em Buenos Aires. Sua correspondência com órgãos filatélicos internacionais é muito vasta. Possui uma rica biblioteca, que inclui obras e coleções raras, na sua maioria em língua alemã.

O BOLETIM CIENTÍFICO mostra que em 1952 já se discutia, no Filadélfia, o uso do álcool carburante como uma alternativa para o petróleo, problema que hoje afeta gravemente a todos. Uma passada de olhos pelos números 17/18 nos dá a dimensão exercida pela publicação do Prof. Puls: Origens da Teoria Atômica, Envenenamentos nas Fazendas, Um Nematóide Parasito das Aves, Cortisone, Calda Bordalesa, Jatobá, Uma Orquídea Terrestre, Açúcar para Fins Industriais, Produzida no Instituto Butantã a Vacina BCG, Novo Recurso para Prospecção de Urânio, Estudo Descritivo de um Camarão, Baleeiro do Chile, O Polônio não se dilata sob a Ação Solar, É Necessário Proteger os Motores Elétricos, O Sistema Nervoso, Cloreto de Cálcio na Conservação de Estradas, Paleontologia, O Calor, Apresentação de "Publicações Farmacêuticas", Grandes Cientistas, Cobre, Society of Systematic Zoology, Orientação Bibliográfica, Caracteres Físico-Químicos da Hidrazida Isonicotínica, Instrumentos de Física. Tais são os assuntos cuja discussão o prof. Puls fazia questão de provocar.

Em 10 volumes de pastas bem organizadas, a história do Filadélfia se acha intercalada pelos recortes de jornais que o Prof. Puls conserva com todo o carinho.

O Filadélfia deve muito ao Prof. Puls, que se tornou, pelo trabalho consciente e construtivo, o exemplo inconfundível daquele que traz, no seu íntimo e como poucos, as marcas indeléveis da "alma mater" de professor. Queira ele aceitar nossos efusivos cumprimentos desta primeira edição de Terra e Cultura, que lhe credita muitos dos méritos dos heróis do Filadélfia, apesar de sabermos que, ao ler esta menção, a sua austeridade germânica o fará balançar os ombros, fazer um muxoxo e dizer a costumeira frase, sempre presente em seus lábios: "não fiz nada mais do que a minha obrigação".